



MILAGRES

AOS MILHARES



O DR. SANDUK RUIT restituiu a visão a muitos asiáticos pobres, livrando-os de uma vida de sofrimento

POR ASHOK MAHADEVAN

RAM SHRESTHA tem o rosto castigado pelo tempo e um bigode descuidado. Mas, quando está deitado sob o lençol verde numa mesa de operação do Centro Oftalmológico Tilganga, em Kathmandu, só vejo o seu olho direito. Marcado com um desinfetante amarelo e iluminado por um pequeno foco de luz, ele olha para o teto, mas não pode vê-lo.

Faz muitos anos que Shrestha sofre de catarata, doença que anuvia o cristalino, turvando progressivamente a visão. Oito meses atrás, esse lavrador nepalês de 54 anos ficou completamente cego, impedido de trabalhar na terra.

Munido de um microscópio cirúrgico, com os instrumentos adequados em punho, o Dr. Sanduk Ruit faz uma pequena incisão ao lado do olho de Shrestha. Alcança o cristalino e, com cuidado, puxa-o para fora. Por fim, introduz no local uma lente, de tamanho similar. O procedimento não leva mais do que cinco minutos.

Faz-se um curativo sobre o olho de Shrestha, e ele espera Ruit operar outro paciente. O médico então repete o procedimento no olho esquerdo de Shrestha.

Pela manhã, Shrestha voltará à clínica para tirar o curativo e descobrir se Ruit conseguiu realizar outro pequeno milagre.

Nos últimos 23 anos, o Dr. Sanduk Ruit fez aproximadamente 70 mil cirurgias de catarata, com frequência

livrando da cegueira mais de 100 pessoas por dia. E, ao desenvolver técnicas mais simples e econômicas, levou a cirurgia ao alcance de milhares de indivíduos que, do contrário, não teriam acesso a ela.

NO DIA SEGUINTE, o lavrador é conduzido ao Centro Oftalmológico Tilganga pela mulher, Lakshmi. Ruit retira os curativos.

Os olhos de Shrestha permanecem fechados por alguns segundos. Quando se abrem e vasculham cautelosamente o ambiente, o rosto dele se mantém impassível.

- Quantos dedos? - pergunta Ruit, abrindo a mão.

- Cinco - responde Shrestha.

- Toque no nariz dela - pede Ruit, apontando para Lakshmi, que assiste a tudo ansiosamente. Abrindo um sorriso, Shrestha dá um passo à frente e põe o dedo no alvo.

- De que cor é a barba dele? - pergunta Ruit, olhando para mim.

- Branca - responde Shrestha.

- É preta.

- Não, é branca - insiste Shrestha, com razão. Quando Ruit se dirige ao paciente seguinte, Lakshmi sussurra:

- Ele é como um deus.

O médico, modesto, de fala mansa, discordaria com veemência. Nascido em 1954 nos contrafortes do Monte Kangchenjunga, terceira montanha mais alta do mundo, Sanduk Ruit foi mandado pelo pai, comerciante, a um internato indiano, aos 6 anos de idade, porque não havia escola em sua cidade.

Ruit (à direita) opera um paciente em Charang, no reino himalaio de Mustang; o fazendeiro Pak V Chol (abaixo) aguarda a vez de ser submetido à cirurgia de catarata durante a visita da equipe de Ruit à Coréia do Norte.



Quando Ruit tinha 16 anos, a irmã caçula morreu de tuberculose. Foi então que decidiu ser médico. Seu talento para a cirurgia – “Ele tem mãos de anjo”, diz o colega Dr. Govinda Paudyal – logo ficou evidente.

Depois de atender vítimas de catarata em acampamentos – onde a operação era gratuita para os pobres –, ele ficou tão impressionado com o impacto que a cirurgia tinha na vida das pessoas que decidiu se tornar oftalmologista. Concluiu a pós-graduação em 1984, aos 29 anos, no Instituto Indiano de Ciências Médicas, em Nova Delhi.

Profissional talentoso, Ruit galgou os patamares da sociedade médica do



Nepal. Mas logo concluiu que o programa nacional de prevenção à cegueira poderia ser melhor. Na época, no Nepal – e nos demais países em desenvolvimento –, a cirurgia de catarata para os pobres consistia em retirar o cristalino e dar ao paciente óculos de lentes grossas. Isso ajudava a pessoa a ver os objetos diretamente à frente: ela podia, por exemplo, distinguir uma cabra de uma vaca. Mas a visão periférica era precária.

Um procedimento bem melhor, o implante de lente intra-ocular – no

qual o cristalino era substituído por um modelo transparente de plástico, altamente especializado –, vinha se realizando no Nepal, mas apenas entre os ricos, porque só a lente custava mais de cem dólares, pequena fortuna para um lavrador.

Por causa do capital limitado, as autoridades municipais de saúde pública e especialistas da Organização Mundial da Saúde achavam que o procedimento não valia os altos gastos e que as condições extremas de assepsia necessárias eram impossíveis de serem obtidas nos acampamentos rurais de atendimento oftalmológico.

Ruit discordava. Para diminuir os custos, criou técnicas cirúrgicas mais fáceis e rápidas e encontrou maneiras simples – como pedir aos pacientes que lavassem bem o rosto antes

Mas será que conseguiria convencer seus colegas oftalmologistas no Nepal e no Ocidente de que esses planos dariam certo? Apenas alguns médicos ocidentais, que haviam se dado ao trabalho de ir ao Nepal para ver Ruit em ação, apoiaram-no. Lá, muitos oftalmologistas foram contrários, inclusive os superiores dele. Cartas desaprovadoras foram enviadas até ao primeiro-ministro nepalês.

Rex Shore, amigo íntimo, lembra uma conversa telefônica que teve com Ruit. “Ele estava quase chorando”, recorda Shore. “Dizia: ‘Não sei se vou conseguir continuar.’”

Mas o jeito tranqüilo do médico oculta uma ferrenha determinação. Alguns anos antes, Ruit, budista da comunidade Lama do Nepal, se viu diante da oposição de seus pais ao se casar

“ELE SE DEDICA COM AMOR TANTO À CIRURGIA DO MAIS POBRE QUANTO À DO PACIENTE MAIS IMPORTANTE.”

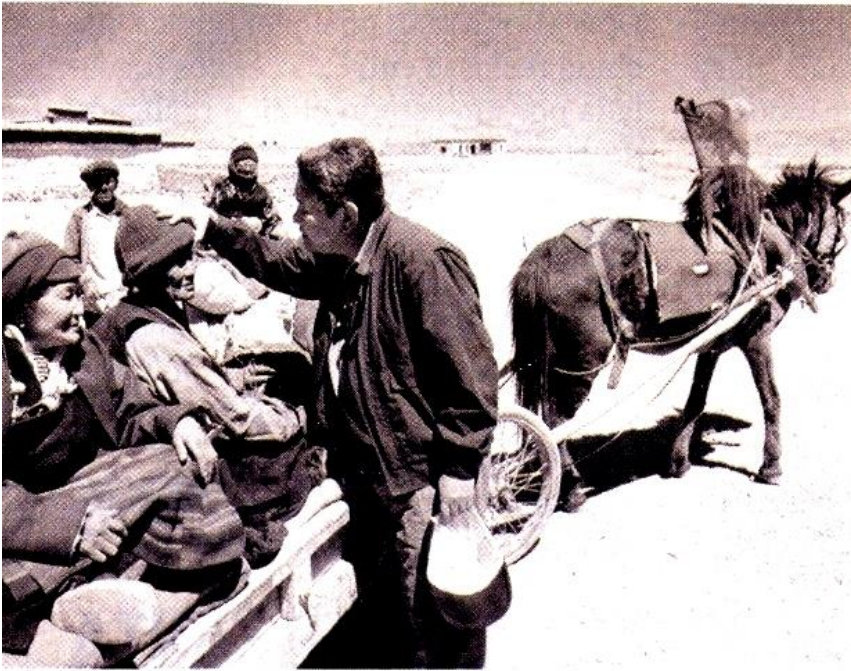
da operação – para garantir boas condições de higiene.

Com microscópios muito menos sofisticados do que os geralmente usados em cirurgias oftalmológicas, ele começou a implantar com êxito lentes de plástico doadas por amigos médicos. Funcionou: as infecções pós-operatórias eram raríssimas.

Um grande obstáculo – o alto preço das lentes – impedia muitas doações. Ruit traçou planos para começar a fabricar as lentes no Nepal.

com Nanda, jovem enfermeira nepalesa de origem hindu. Mas Ruit venceu. Os pais deram afinal o braço a torcer quatro anos depois do casamento. Hoje todos moram juntos: Ruit, seus pais, Nanda e os três filhos do casal.

MAS COM TANTA oposição a seus planos de tratamento oftalmológico, a determinação de Ruit seria posta à prova. Para seguir seu sonho, ele teria de abandonar o emprego prestigioso no hospital e avançar sozinho.



Ruit examina os olhos de duas mulheres no caminho do campo de atendimento oftalmológico no Tibete.

Um de seus poucos defensores foi Fred Hollows, neozelandês morador da Austrália que o havia ajudado a aperfeiçoar suas habilidades cirúrgicas. Hollows prometeu angariar recursos para montar uma fábrica de lentes em Kathmandu.

Em 1992, Ruit decidiu correr o risco e instituiu o Programa Oftalmológico do Nepal. O plano era estabelecer um centro oftalmológico em Kathmandu que servisse de base à criação de acampamentos médicos e de um local de pesquisa e treinamento para oftalmologistas.

O Centro Oftalmológico Tilganga e o Laboratório de Lentes Intra-oculares Fred Hollows – fundados com doações do governo australiano, de um templo de Kathmandu, de uma instituição de caridade budista e de empresários locais – foram abertos em 1994.

Depois de 18 meses de tentativas, o laboratório começou a produzir lentes em janeiro de 1996. Hoje elas são usadas em 70 países. Preço: em torno de 5 dólares.

Com o sucesso, outras organizações oftalmológicas começaram a seguir os exemplos de Ruit. Das cirurgias de catarata realizadas hoje nos acampamentos médicos do Nepal, 98% são implantes de lente, e o número de nepaleses cegos pela doença está caindo de maneira muito

acentuada.

– Você não pode nos dar um desconto? – pergunta Sanjay Kumar Shah a Satish Shrestha, funcionário do Tilganga. O pai de Sanjay, Jagadish, precisa de uma cirurgia de catarata, pela qual foram cobradas 6 mil rupias nepalesas, o valor total.

– Ah, o senhor consegue pagar – responde Shrestha. E, depois de resmungar um pouco, o empreiteiro Sanjay concorda.

A cirurgia de catarata nos acampamentos é gratuita, mas, no Tilganga, aqueles que podem arcar com os custos – integrais ou parciais – devem fazê-lo. Por causa dessa política, o centro ganha o suficiente para suprir suas despesas, inclusive os salários. Auxílios externos são necessários apenas para os acampamentos e para a aparelhagem nova.

Cerca de um terço dos pacientes do Tilganga é pobre demais para pagar. Mas Ruit estipulou que todos os pacientes devem ser tratados igualmente. Geoffrey Tabin, professor de Oftalmologia cujo Projeto Himalaico de Catarata fornece grande parte do capital externo de Ruit, constata: “Ele dá tanta atenção à cirurgia dos pobres quanto à dos VIPs.”

Ruit insiste que mesmo os mais pobres devem poder escolher seu cirurgião. Há pouco tempo, um paciente

DOIS ANOS ATRÁS, qualquer dúvida que ainda restasse entre os céticos foi calada por um estudo clínico realizado no Nepal, onde 108 pacientes de catarata, cegos, foram aleatoriamente divididos em dois grupos: um encaminhado ao Dr. Ruit, e o outro ao Dr. David Chang, professor da Universidade da Califórnia e um dos melhores e mais rápidos cirurgiões de catarata dos Estados Unidos.

Chang operou com equipamentos sofisticados de ultra-som que custam

“EM NENHUM LUGAR POSSO FAZER TANTA DIFERENÇA NA VIDA DAS PESSOAS COMO AQUI”, DIZ RUIT. “SOU MUITO FELIZ.”

chegou à clínica pedindo para ser operado pelo “médico que estava no jornal”. “Imaginamos que era o Dr. Ruit”, diz a assistente dele, a Dra. Reeta Gurung, “e o pusemos em sua lista.”

Essa pouca importância dada à classe social é rara no Nepal, mas Ruit não tem muita paciência com convenções. Há anos, quando foi designado para fazer parte do grupo de oftalmologistas do rei Birendra, dirigiu-se – como de praxe – ao palácio, levando o equipamento de que necessitava. Mas Ruit não estava satisfeito: o quarto disponível para o exame era mal iluminado, e ele achou que estavam sendo ignoradas algumas medidas importantes para o bem do rei. Então chamou o soberano para ir ao Tilganga. Sua audácia deixou algumas pessoas boquiabertas, mas Birendra concordou.

100 mil dólares. Ruit usou instrumentos que equivalem a menos de um sexto desse valor e fez as cirurgias em metade do tempo. Ainda assim, 98% dos pacientes de ambos os grupos recuperaram a visão.

Tendo visto o programa de Ruit em primeira mão, Chang avalia: “É uma experiência extraordinária.”

Agora, profissionais da Ásia, da África, da Europa e dos Estados Unidos vão ao Centro Oftalmológico Tilganga para aprender novas técnicas.

O próprio Ruit viaja para demonstrar seus métodos. Gosta de ir a países necessitados e, em 2005, levou uma equipe à Coreia do Norte, onde realizou mais de 700 cirurgias. O país tem grande número de pacientes com catarata avançada. A equipe quer fazer uma nova visita este ano, mas, segundo

Ruit, “conseguir financiamento para a Coreia do Norte é muito difícil”.

No Instituto de Tratamento Oftalmológico Lhasa, no Tibete, cinco médicos locais encontram-se em torno de Ruit, observando-o operar a catarata de uma senhora. Algumas das músicas nepalesas preferidas de Ruit tocam ao fundo.

Ele pára e ergue a cabeça. “Fazendo um corte afunilado”, diz, “é mais fácil remover a catarata.” O intérprete traduz, e cinco médicos uniformizados assentem com veemência.

À medida que Ruit ensina novas técnicas a estes médicos e a centenas de outros, cresce a esperança de que um dos maiores desafios de saúde pública do século 21 seja vencido. Cerca

de 20 milhões de pessoas – pobres na maioria – não enxergam por causa da catarata, e, sem uma intervenção radical, esse número crescerá para 40 milhões até 2020.

Como o Centro Tilganga agora está bem estabelecido, com profissionais capazes de assumir o comando caso Ruit saia, pergunto por que ele não vai para o exterior, ganhar dinheiro. Ele tem boa forma física, graças a uma hora de *badminton* quase todas as manhãs, mas está com 53 anos e os filhos ainda são novos.

Ruit sacode a cabeça e sorri. “Em nenhum outro lugar posso fazer tanta diferença na vida das pessoas como aqui”, responde. “Na verdade, sou muito feliz.”

TUDO PELO ESPORTE

Alguns fãs cometem loucuras para assistir aos jogos de seus times nas fases finais dos campeonatos. De acordo com o jornal *The Denver Post*, quando o time de futebol americano Broncos chegou a uma semifinal, três fanáticos ofereceram tudo em troca de ingressos.

O médico Steve Broman estava disposto a realizar uma vasectomia de graça; Glenn Laurent, professor da Universidade do Colorado, ofereceu um semestre de aula particular; e Scott (ele não deu o sobrenome, e você vai ver por quê) queria trocar um anel de diamante de meio quilate, que havia custado 2.195 dólares, e que ele comprara para dar à sua mulher no dia dos namorados.



Um homem culpado num caso de agressão e roubo chocou o tribunal quando pediu ao juiz que adicionasse três anos à sua sentença.

Eric James Torpy fez o pedido para que a pena tivesse o número “33” – o mesmo da camisa do jogador de futebol americano Larry Bird. O desejo dele foi atendido.